

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**Escrevivência: experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas,
marcadas pelo racismo ao longo de histórias de vidas**

Maria Leonor Mesquita Tarques da Silva

Pelotas, 2019

Maria Leonor Mesquita Tarques da Silva

**Escrevivência: experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas,
marcadas pelo racismo ao longo de histórias de vidas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Psicologia da Faculdade de
Medicina, Psicologia e Terapia
Ocupacional da Universidade
Federal de Pelotas como requisito
à obtenção do grau de Bacharel
em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Míriam Cristiane Alves

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586e Silva, Maria Leonor Mesquita Tarques da

Escrevivência : experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas marcadas pelo racismo ao longo de histórias de vidas / Maria Leonor Mesquita Tarques da Silva ; Miriam Cristiane Alves, orientadora. — Pelotas, 2019.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Sofrimento psíquico. 3. Racismo. 4. Pensamento crítico descolonial. 5. Escrevivência. I. Alves, Miriam Cristiane, orient. II. Título.

CDD : 150

Maria Leonor Mesquita Tarques da Silva

Escrevivência: experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas, marcadas
pelo racismo ao longo de histórias de vidas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina,
Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves (Orientadora).

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

.....
Prof^a. Ma. Ledeci Lessa Coutinho

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof^a. Dr^a. Camila Peixoto Farias.

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

.....
Psicóloga Marlete Andrize de Oliveira

Mestranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Produzir este trabalho foi uma tarefa desafiadora, por vezes dolorosa e ao mesmo tempo transformadora. Espero com este ensaio contribuir para o que outros(as) estudantes negros(as) vejam em um trabalho de conclusão de curso a oportunidade para deixar um registro acadêmico que fale de vidas e histórias negras. Também quero registrar aqui meus sinceros agradecimentos a todos que partilharam comigo esta caminhada da escrita.

A meu marido, por entender as minhas ausências mesmo estando ao seu lado, pelo incentivo que sempre demonstra a tudo que me proponho a fazer.

À minha filha, por seu apoio incondicional e incentivo, por ter sido minha inspiração para retomar os estudos.

Aos demais familiares, pelo incentivo.

À minha amável orientadora Miriam Cristiane Alves, por sua dedicação e incansável orientação para que eu pudesse desenvolver um trabalho de qualidade.

Às integrantes da banca examinadora, Camila Peixoto Farias, Ledeci Lessa Coutinho, pelas contribuições relevantes ao aprimoramento final deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos(as) que a vida acadêmica me proporcionou, os levarei para sempre no meu coração.

Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
Ser feliz, no vão, no triste,
É força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala.

(ELZA SOARES, 2018).

Resumo

SILVA, Maria Leonor Mesquita Tarques da. **Escrevivência: experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas, marcadas pelo racismo ao longo de histórias de vidas.** 2019, Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Psicologia) - Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas que evidenciam sofrimento psíquico e movimentos de (re)existência em histórias de vida marcadas pelo racismo. O percurso metodológico se caracteriza como uma escrevivência, cujas narrativas apresentadas foram vividas por mim e, ao mesmo tempo, pela Joana, pela Mercedes, pelo Ricardo, e pelo João, ou seja, um conjunto de homens e mulheres negras que constituem a minha existência, que me subjetivaram ao longo de minha história de vida, permitindo-me traçar esse caminho, ao passo de Conceição Evaristo. Este estudo deixa em aberto um caminho de possibilidades no campo da Psicologia que ainda necessita ser explorado e percorrido, ou seja, oferecer à escuta psicológica elementos para uma clínica antirracista.

Palavras chave: Racismo. Sofrimento psíquico. Psicologia. Pensamento crítico decolonial. Escrevivência.

Sumário

Introdução.....12

O Caminho Metodológico.....Erro!

Indicador não definido.

Escrevivência e Diálogos Descoloniais.....15

Considerações Finais.....24

Referências.....24

Escrevivência: experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas, marcadas pelo racismo ao longo de histórias de vidas

Introdução

Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência das novelas, e no comercial.
O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
As negras duelam para vencer o machismo, o preconceito, o racismo

(IZALÚ, 2016).

O desejo de desenvolver este trabalho emerge, *a priori*, de minhas inquietações quanto aos efeitos do racismo em nossas vidas. Mas, logo em seguida, tal desejo é movimentado pelo que escutei, senti, vivenciei ao longo de estágios obrigatórios, no curso de Psicologia. Relatos diversos sobre o quanto a clínica psicológica não consegue escutar a violência racista, negligenciando o cuidado de homens e mulheres negras.

Embora muito mexida pelo fazer psicológico, ou o não fazer psicológico, senti a necessidade de olhar para a vida cotidiana. Resgatar memórias, histórias que vivenciei, que acompanhei, que escutei. Tarefa que não figura como fácil, pois sempre remete ao tempo distante, mas também ao presente. Neste caso, remete às minhas vivências de infância, de jovem, de adulta, de mulher negra. E, neste exato momento, lembro-me da narrativa de um homem negro. Ele tinha idade para ser meu pai. Seria o meu pai? Aqui ele é o João. Mas poderia ser o Antônio, o Amarildo, o Rivair. Eu era criança e ele dizia: “Já passei e vivi muitas situações em que, por vezes, me senti acolhido e protegido, e outras me senti mais raso que o chão, ou melhor, por vezes nem o chão me pertencia”.

Eis que remonto minha inquietude ao reconstruir essa narrativa, que já tem mais de 40 anos. Mas, também, meu sentimento de liberdade, afinal, eu tenho a possibilidade de fazer ecoar o que homens e mulheres negras já vivenciaram e ainda vivenciam frente ao racismo, por meio dessa escrevivência

e do diálogo com intelectuais negros e negras que me inspiram, tais como: Frantz Fanon, Neusa Santos Souza e Conceição Evaristo.

A obra *Pele Negra e Máscaras Brancas*, de Fanon (2008), me remeteu a olhar, escutar, reviver minhas histórias, minhas vivências, minhas experiências, bem como as de muitas pessoas que constituíram e constituem a minha existência, que me subjetivaram e subjetivam, enquanto mulher negra de periferia, trabalhadora doméstica e futura psicóloga.

Este ensaio crítico, portanto, constitui-se em uma experiência viva que irá remeter a mim, e a você leitor/a, para tempos e vivências que talvez alguns e algumas jamais tenham imaginado a possibilidade da sua existência. Outros e outras, quem sabe, talvez manifestem o desejo de mantê-las nas profundezas do invisível, afinal, lembrar, reviver as mazelas produzidas pela violência racista desperta dor e sofrimento, tirando do eixo. Mas ainda há aqueles e aquelas que desejam e necessitam denunciar e deslocar tal sofrimento, mesmo que a partir de si. Eu sou uma delas, embora já tenha transitado pela suposta calma do invisível. Suposta, pois para nós, negras e negros, o invisível é sempre declarado.

Falar de si enquanto ser existente e pertencente ao mundo. Falar de si, falar através de si sobre a ferida aberta que insiste em não cicatrizar é anunciar e denunciar as mazelas às quais negros e negras são diuturnamente expostos na sociedade brasileira. Movimento que produz desconforto, indignação, que produz lágrimas de dor, sofrimento psíquico, mas que, ao mesmo tempo, produz resistência, senso crítico, vida, (re)existências.

Souza (1983, p. 18) faz referência à “experiência como matéria-prima” que permite a homens e mulheres negras vivenciarem a metamorfose de suas vidas e histórias enquanto “processo de libertação”.

Reviver e repensar sobre a violência racista a partir de histórias de vida no contexto da Psicologia remete à necessidade de uma escuta psicológica antirracista. Escuta que tenha a potência de criar possibilidades para homens e mulheres negras se reinventarem, resistirem e existirem em uma sociedade cujo racismo estrutura as relações cotidianas de modo tão preciso que, às vezes, chega ser quase imperceptível. Conforme Fanon (2008), negros e negras, ao longo das suas histórias de vida, vivenciam uma revolta por ter que travar no seu dia a dia uma batalha interna na tentativa de provar a capacidade

de atingir seus objetivos e ideais, levando-os a uma busca incessante por reconhecimento como ser humano.

Souza (1983), ao pôr em discussão as dificuldades emocionais de negros e negras que rejeitam a sua própria imagem, traz à tona a indução racista que seu representante máximo – homem, branco, europeu, heterossexual, burguês –, produz sobre corpos negros com o intuito de destruir seus elementos existenciais e, assim, mantê-los como incapazes e submissos.

Deste modo, o presente estudo objetiva refletir sobre experiências vividas, pensadas, sentidas, doídas que evidenciam sofrimento psíquico e movimentos de (re)existência em histórias de vida marcadas pelo racismo.

O Caminho Metodológico

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faça a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

(EVARISTO, 2016, p. 7)

As narrativas apresentadas neste trabalho foram vividas por mim e, ao mesmo tempo, pela Joana, pela Mercedes, pelo Ricardo, e pelo João, homens e mulheres negras que me subjetivaram e subjetivam, permitindo-me traçar uma escrevivência, ao passo de Conceição Evaristo (2016).

Nesta escrevivência, estou realizando leituras e releituras sobre narrativas negras, histórias negras, vivências negras na perspectiva de aproximá-las, articulá-las, entrelaçá-las e fazer ecoar a minha voz e a de homens e mulheres negras que fazem ou fizeram parte da minha vida. Estas

narrativas foram escritas e descritas por meio do acesso às minhas memórias, lembranças e vivências e, ao mesmo tempo, articuladas ao referencial teórico escolhido para este estudo. Tarefa desafiadora que, por vezes dói, faz sofrer, mas também fortalece e potencializa a luta coletiva. Eu, nós, o coletivo que resiste, (re)existe.

O presente estudo está integrado a uma pesquisa maior, intitulada “A Violência do Inexistir: a construção de uma Clínica Política De(s)colonial”, realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas É’LÉÉKO do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O referido projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPEL no dia 21 de junho de 2017, sob parecer número 2.128.721, de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Escrevivência e Diálogos Descoloniais

Enquanto o couro do chicote cortava a carne
 A dor metabolizada fortificava o caráter
 A colônia produziu muito mais que cativos
 Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos
 Não fomos vencidas pela anulação social
 Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial

(IZALÚ, 2016).

Joana, filha de mãe branca e pai negro, nunca teve um relacionamento com um homem branco: “não me interessei nem mesmo por curiosidade, sempre foi inerente para mim esta questão”. Por quê? Responde Joana: “Talvez por ter sido criada por e entre pessoas brancas e por ouvir sistematicamente comentários como: uma negra esperta certamente não irá se casar com um negro, pois, já sabe como é ser negro”.

Um preto, ora essa, não vale grande coisa! É degradante ter relações com qualquer indivíduo dessa raça. Porém, antes de mais nada, ele quer provar aos outros que é um homem, que é um semelhante (FANON, 2008, p.71).

No entanto, Joana se afirma na “desobediência epistêmica” e política da lógica colonial e racista, ou seja, desloca-se das imposições e verdades da

modernidade/colonialidade sobre o ser negro/negra (MIGNOLO, 2008). Ela põe em questão a branquitude e o seu olhar sobre os corpos negros, explicitando um movimento de resistência, de (re)existência.

“Não quero embranquecer! Nunca tive problema em ser negra. O problema está no branco que quer a qualquer custo me embranquecer”. Joana é enfática no seu posicionamento: “O branco não tem sensibilidade para procurar saber como vejo tal situação, se sou feliz como sou, se quero isso ou aquilo”. E continua: “O racismo não parte do negro, mas sim do olhar racista do branco que insiste em classificar tudo em preto e branco”.

Ser filha de mãe branca nunca foi problema para Joana. A epiderme de sua mãe com uma porção significativamente menor de melanina não intimidava a construção subjetiva de Joana em tornar-se mulher negra. No entanto, salienta: “os comentários maldosos e preconceituosos em relação a minha mãe e aos filhos, por sermos negros e ela branca, sempre me incomodou. Na visão dos brancos, jamais poderíamos ser filhos biológicos de uma mulher branca”. Mas qual o estatuto que é atribuído à mulher branca que se relaciona afetivamente com um homem negro? Joana responde: “uma mulher branca quando se relacionava com um homem negro, na época da minha mãe, deixava de ser branca, passava a ser a mulher do negro”.

As vivências de Joana potencializam minha inquietude e indignação quanto à herança colonial que atua para manter viva a ideia de inferioridade e superioridade entre brancos e negros. Nessa perspectiva, Quijano (2010, p.94) apresenta a colonialidade como sendo “um dos elementos constitutivos e específico do padrão mundial do poder capitalista” e eurocêntrico, que consolida uma “concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo diferencia-se em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos” (QUIJANO, 2010, p.86). Souza (1983, p.20) refere que “na sociedade de classes multirraciais e racista como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas”, valorativas e classificadoras.

Os efeitos da colonialidade na vida de homens e mulheres negras são vividos e sentidos em todas as fases da vida, produzindo efeitos sobre a dimensão subjetiva. “Quando éramos criança e saímos com nossa mãe, ela sempre era questionada se era nossa mãe adotiva”, conta Joana. Ela lembra o quanto essa situação lhe incomodava, causava-lhe aversão. Afinal, o

estranhamento vinha de fora: “Para nós, enquanto filhos, mesmo quando crianças, não havia nenhuma estranheza”. Os “efeitos da colonialidade na experiência vivida”, ou seja, a colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2007, p.130), irá produzir efeitos na constituição subjetiva de crianças, jovens, homens e mulheres negras.

Mercedes explicita algumas experiências de infância: “Fomos criados como negros, por um casal inter-racial, netos de escrava, pobres, mas tivemos exemplos de pai e mãe que não se intimidavam quando precisavam se posicionar nessas condições, há sessenta anos”. E, ela continua: “Meu pai e minha mãe resistiram criando formas de sobrevivência”. Conforme Fanon (2008, p.84), o colonialismo comporta “não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas”, mas também a atitude das pessoas “diante dessas condições”. Ou seja, comporta a subjetividade produzida pelo domínio colonial. Na narrativa de Mercedes, ela deixa explícitas essas condições objetivas e históricas, mas, sobretudo, a produção de uma subjetividade de (re)existência frente ao racismo colonial.

Joana, hoje mulher negra, trabalhadora, mãe de Viviane, companheira de Márcio, fora adotada, ainda criança, por uma família branca e rica. Sua narrativa traz elementos importantes sobre o processo de branqueamento vivenciado no Brasil. “Quando apresentei meu marido, a primeira fala que ecoou foi: como ele é pretinho e tu tão clara! Mas formam um casal bonito”, diz a mãe adotiva de Joana. E Joana segue: “a mensagem que ficou subentendida para nós foi que seríamos um casal mais bonito se ele fosse branco ou mais claro. Mas eu sempre soube quem era e o que eu queria”. Ontologia do ser! “Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica” (FANON, 2008, p.104), no entanto, Joana sinaliza o contrário.

A partir de suas vivências, Joana faz questão de enfatizar seus movimentos de (re)existir: “Mas nunca me curvei, sempre travei uma batalha acirrada para ser mulher negra, sempre acreditei que poderia estar onde quisesse, que deveria ser respeitada como ser humano”.

Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria. Mas, alguém

poderá dizer, há nas suas afirmações um desconhecimento do processo histórico (FANON, 2008, p. 122).

Conforme Souza (1983, p.77), “ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças”. Eu diria que é criar formas possíveis de se reinventar.

“Um homem negro por mais claro que seja, e que não aceita sua negritude, tem a ilusão de que não sofre com o racismo. Enganam-se!”. Joana faz essa narrativa ao lembrar-se de seu irmão, Ricardo, que também fora adotado e, diferentemente dela, buscou o embranquecimento para se sentir incluído socialmente. E continua: “Ao pensar que é tratado como branco, em algum momento ele será posto de lado, excluído. E, talvez, nem percebe que isso aconteceu porque ele é negro, de pele clara, mas negro”. Para Fanon (2008, p.95), Ricardo “sofre de um complexo de inferioridade”, de modo que “é preciso protegê-lo e, pouco a pouco, libertá-lo desse desejo inconsciente”. E continua:

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica. Surge, então, a necessidade de uma ação conjunta sobre o indivíduo e sobre o grupo. Enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais. Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95-96).

Joana, ao pé do meu ouvido, lembrou-se de uma história vivida, sentida, doída a cada palavra: “Quando era criança me lembro de ouvir minha mãe adotiva, branca, dizer que o negro era negro por causa de um castigo, um pecado cometido”. Para Joana, a intenção de sua mãe adotiva era salvá-la de tal castigo, na medida em que se tornaria branca: “Ela achava que o convívio

ali me tornaria menos negra e tal castigo não seria lembrado, assim, eu seria aceita entre eles, brancos”. O racismo é como uma “ferida onde a humilhação sofrida pelo seu corpo negro não dá trégua” (SOUZA, 1983, p. 07).

Ao explicitar a violência racista vivenciada na relação com sua mãe adotiva, Joana continua: “Ela dizia que quem nascia preto e com cabelo ruim era porque nossos ancestrais tinham cometido um pecado e que, por eu ser clara o castigo não era tão grande, mas ainda assim era resultado do pecado”.

É no momento mesmo que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem do seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade (SOUZA, 1983, p.7).

“Que pecado seria este?” Joana se questiona e, ao mesmo tempo afirma: “Meus antepassados foram escravizados e desumanizados para servir aos brancos e contribuir para o crescimento de suas riquezas. Esse pecado não é meu e sim daqueles que arrancaram a essência e a cultura de meu povo”.

No início da história que os outros fizeram para mim, colocaram em evidência o pedestal da antropofagia, para que eu me lembre bem. Descreviam meus cromossomos como tendo genes mais ou menos espessos, representando o canibalismo (FANON, 2008, p.111).

E, Joana continua: “Eu, quando criança, frequentava os lugares onde só os brancos podiam estar, pois fui criada por brancos ricos”. Ela sempre enfatiza o privilégio da branquitude: “Eles me levavam aos lugares que frequentavam: clube de branco, onde negro não tinha acesso, CTG de brancos”. Joana demarca seu incômodo em presenciar cotidianamente esse privilégio dos herdeiros coloniais e explicita o mundo com o qual se identifica e que lhe representa: “Quando minha tia, também negra, foi morar na cidade, mais uma vez me libertei do mundo branco que me era imposto e passei a frequentar lugares onde podia ir com meus irmãos e irmãs que já moravam na cidade”.

E vem o sentimento de pertencimento: “Tive a sensação de estar em um lugar onde finalmente eu pertencia, sem os olhares críticos e curiosos dos brancos que me viam como um ser estranho e diferente”. As sensações, as constatações: “Ao menos essa era a sensação que eu tinha. Não, não era uma

sensação, era real, eu não pertencia àqueles espaços brancos”. Conforme Souza (1983, p. 2), “a violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso”, a partir do ideal do corpo branco e da recusa do corpo negro.

“Teve uma época que senti um distanciamento por parte dos meus irmãos e irmãs. Eles achavam que eu tinha uma vida boa, de muita fartura e conforto. E eles não tinham”. Joana traz mais um pouco de suas vivências e, novamente, enfatiza a dor de não sentir-se pertencente. Mbembe (2014) fala do não lugar do negro como signo do ser negro.

Joana sentia-se em um não lugar quando morava com sua mãe branca, e não compreendia o desejo de seus irmãos e irmãs habitarem naquele não lugar, ou melhor, o lugar da branquitude. Ela não compreendia os motivos pelos quais eles não valoravam a existência negra, em território negro, com pessoas negras. Para Joana este era o lugar onde poderia existir enquanto ser pertencente no mundo.

Joana sabia que aquele mundo branco no qual sobrevivia não era seu lugar. Porém, essa não era a compreensão de seus irmãos, pois viam-na como se não fosse igual a eles. Mesmo se sentindo muito incomodada com tal situação, ela esforçava-se para afirmar e convencê-los de que eram iguais, que pertenciam ao mesmo mundo e que a diferença é que eles não estavam submetidos a uma criação de subserviência como ela. Fanon (2008) fala do não pertencimento a um mundo onde o sujeito negro nunca desejou estar, mas que estava e, ali, tinha que sobreviver e viver seus dias.

Tendo o campo de batalha sido delimitado, entrei na luta. Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto (FANON, 2008, p.107).

Joana fora adotada, mas nunca foi tratada como filha ou irmã, e sim como uma criança escravizada que tinha deveres e obrigações de uma empregada, não de um membro da família. Ela acordava cedo para fazer o café da “irmã” que estudava pela manhã, levava café na cama para sua mãe

adotiva. Não sentava à mesa para as refeições. Tinha louças e talheres separados como se sua pele negra pudesse ser contagiosa. Não usava o banheiro que era comum a todos os membros brancos da família. Em suas palavras, Joana revela:

Eu vivia em um mundo branco e rico, com muita fartura, mas nada daquilo me pertencia. Não fazia parte de mim aquele lugar que nunca desejei estar. Aquela fartura não era para mim, sempre usava as roupas e calçados usados da minha irmã adotiva, meu alimento não era o mesmo da família, eu não tinha cama muito menos quarto para dormir, dormia num colchão ao lado da cama da minha mãe adotiva. Meus irmãos não tinham ideia de como era minha vida. E o que eu mais queria, era estar junto deles, meus irmãos e irmãs, meu pai e minha mãe. (JOANA,2018).

O pai de Joana também fora adotado por uma família branca:

Meu pai foi adotado pela senhora branca a quem minha vó paterna pertencia, e quando ele e minha mãe foram morar juntos contrariando a muitos, essa senhora branca o fez prometer que a primeira filha mulher ele daria para sua filha – ‘irmã’ de criação de meu pai, que não pôde ter filhos biológicos. Essa desprovida de sorte fui eu, juntamente com meu irmão que era dois anos mais velho que eu. Ele também tivera o mesmo destino da adoção, desta vez por um ‘irmão’ de criação de meu pai. Meu pai foi criado com algumas regalias, mas, nunca teve acesso à escola, não sei por que, e sua mãe adotiva sempre o mimou muito. Então meu pai nunca trabalhou. Ela sempre lhe fez todas as vontades, as melhores roupas, sempre com dinheiro no bolso e curtindo as festas de época, e ao mesmo tempo dilapidando seu patrimônio. Ele herdou uma boa quantia de terras e animais de sua mãe adotiva. Porque meu pai tinha problemas com alcoolismo e, mesmo tendo bens materiais, a vida não era fácil para minha mãe, meus irmãos e irmãs. Quando meu pai bebia ele vendia aos poucos tudo que tinha. Quando fui adotada meus pais moravam no interior, eu também, só que em outra fazenda. Era costume entre os fazendeiros morar na fazenda até que os filhos tivessem idade para entrar na escola. (JOANA,2018).

Fanon (2008, p.124) nos dá caminhos para a reflexão sobre as histórias de Joana, sobre as nossas histórias: “De vez em quando, dá vontade de parar. É duro investigar sobre a realidade. Mas quando alguém mete na cabeça que quer exprimir a existência, arrisca não encontrar senão o inexistente”.

Existência, inexistência que vai se expressar em cada parte do corpo de Joana, inclusive nos fios de cabelo, no nariz, no corpo: “Eu me lembro de colocarem meus cabelos sobre a cama e passarem com ferro quente, para que ficasse liso. Prendiam meu nariz com prendedor de roupa para que não ficasse tão chato”. E diante dessa escrivência, Joana diz: “Relembrando isso, hoje

percebo o quanto queriam me embranquecer. Eu falava que meu pai era negro e minha mãe branca, só por isso não tinha a pele tão preta. Hoje percebo o quanto tive que me posicionar para ser quem sou: mulher negra”.

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira; aqui estou em casa; fui construído com o irracional; me atolo no irracional; irracional até o pescoço. E agora, vibra a minha voz (FANON, 2008, p.113).

Nesse sentido, as vozes negras de Joana, Mercedes, Ricardo, e João são as vozes de homens e mulheres negras, são a minha voz, que se faz liberta de um tempo onde apenas ficamos, espiamos e nos escutam internamente. Por vezes questionando e racionalizando formas de resistência para sobreviver naquele espaço branco de uma elite que quer embranquecer-nos de todo modo e, ao mesmo tempo, nos manter submissos/as e subalternos/as. Assim como Joana, percebo que não tenho a mesma facilidade de me expressar e me posicionar, como meus irmãos. Mesmo travando essa luta antirracismo diariamente ainda me pego, eventualmente, como se precisasse de um aval para validar algo que necessito, mas, logo me dou conta que não preciso de nada disso para Ser Mulher Negra, simplesmente Ser.

As vozes de Joana, de Mercedes, de Ricardo, e de João são minhas vozes. São as nossas vozes, de homens e mulheres negras que querem sua humanidade, que tem sonhos, desejos, objetivos, expectativas. Estamos há 518 anos lutando por isso. “Meu Deus, Meus Deus, Está Extinta a Escravidão?”

Não sou escravo de nenhum senhor
Meu Paraíso é meu bastião
Meu Tuiuti, o quilombo da favela
É sentinela na libertação

Irmão de olho claro ou da Guiné
Qual será o seu valor?
Pobre artigo de mercado
Senhor, eu não tenho a sua fé
E nem tenho a sua cor
Tenho sangue avermelhado
O mesmo que escorre da ferida
Mostra que a vida se lamenta por nós dois
Mas falta em seu peito um coração
Ao me dar a escravidão
E um prato de feijão com arroz

Eu fui mandiga, cambinda, haussá
 Fui um Rei Egbá preso na corrente
 Sofri nos braços de um capataz
 Morri nos canaviais onde se plantava gente

Ê, Calunga, ê! Ê, Calunga!
 Preto Velho me contou, Preto Velho me contou
 Onde mora a Senhora Liberdade
 Não tem ferro nem feitor

Ê, Calunga
 Preto Velho me contou
 Onde mora a Senhora Liberdade
 Não tem ferro nem feitor

Amparo do Rosário ao negro Benedito
 Um grito feito pele do tambor
 Deu no noticiário, com lágrimas escrito
 Um rito, uma luta, um homem de cor

E assim, quando a lei foi assinada
 Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
 Áurea feito o ouro da bandeira
 Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel

Meu Deus! Meu Deus!
 Se eu chorar, não leve a mal
 Pela luz do candeeiro
 Liberte o cativo social

(G.R.E.S. PARAISO DO TUIUTI, 2018)

No ano de 2018, a Escola de Samba Paraíso do Tuiuti entrou na Avenida Marques de Sapucaí¹, no Rio de Janeiro, trazendo as dores e mazelas vividas por homens e mulheres negras no Brasil, e mostrou como foi e como tem sido o enfrentamento ao racismo que, mesmo com muitos disfarces, continua a perpetuar a disparidade racial e social na sociedade brasileira.

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “y’a bon banania”² (FANON, 2008, p. 105-106).

Como refere MBEMBE (2014, p.19), “a carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria”, ou seja, Joana desde que saiu do convívio com

¹ Sambódromo da Marques de Sapucaí, local onde são realizados os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

² A expressão y’a bon banania remete a rótulos e cartazes publicitários criados em 1915 pelo criado pintor De Andreis, para uma farinha de banana açucarada instantânea a ser usada “por estômagos delicados” no café da manhã (FANON, 2008).

seus pais e irmãos, mesmo convivendo entre brancos, nunca se permitiu desistir de sua humanidade.

Considerações Finais

Enquanto homens e mulheres negras baixarem suas cabeças, desviarem seus olhares, calarem suas vozes ou sequer conseguirem perceber os efeitos da lógica colonial em suas vidas, eles estarão presos ao sistema da modernidade/colonialidade.

Sabe-se que o racismo está presente em todos os ambientes onde negros(as) possam estar na nossa sociedade culturalmente racista, porém, esse racismo disfarçado traz consequências e danos psicológicos a nós, homens e mulheres negras e, ao mesmo tempo, nos permite refletir sobre a violência racista que nos é imposta.

Este estudo deixa em aberto um caminho de possibilidades no campo da Psicologia que ainda necessita ser explorado e percorrido, ou seja, oferecer à escuta psicológica elementos sobre o “Tornar-se Negro” (SOUZA, 1983), sobre a “Pele Negra e Máscaras Brancas” (FANON, 2008) e sobre as “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (EVARISTO, 2016). Ou seja, elementos para a construção de uma clínica antirracista.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malé, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti. **Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?** Compositores: Claudio Russo, Moacyr Luz, Dona Zezé, Jurandir e Aníbal. 2018.

IZALÚ. **Mulheres Negras**. Compositor Carlos Eduardo Taddeo. 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S. et al. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central,

Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MBEMBE, Achille. **A Crítica Da Razão Negra**. 2. Ed. Portugal: Antígona, 2017.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.), **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000. p.122-151.

SOARES, Elza. **O Que Se Cala**. Autor: Douglas Germano. Álbum Deus é Mulher. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**; as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.